

**Um estudo sobre a Religiosidade Popular no Norte do Paraná, a partir do caso “Pato”**

Patrícia Batista Depizzol

Resumo: O presente trabalho busca compreender a prática de religiosidade popular sendo esta passível de sofrer influências, e partir da conceituação entender a consolidação do fenômeno “Pato” na região Norte do Paraná utilizando como metodologia periódicos e a fonte oral. Antônio da Silva conhecido popularmente como Pato ganhou fama no início da década de 1990 devido às práticas de curandeirismo, a qual atraía diariamente grande número de caravanas provenientes de todo Brasil. Porém, esse grandioso fenômeno apresentou uma grande decadência, cujas causas são ainda incertas, no entanto, podemos apontar como campo de indagações sobre o declínio a hipótese do curandeiro como alvo de um programa televisivo exibido da Rede Globo em horário nobre que mostrou sua prática como charlatanismo. No contexto da época em relação a canais abertos, a Rede Globo é a maior emissora do Brasil, cobrindo quase a totalidade dos municípios brasileiros, nesta conjuntura notou-se uma forte ameaçada pela rede Record, a qual apresentava um programa ligado a Igreja Universal do Reino de Deus, liderado e fundado por Edir Macedo, dono da emissora de ordem evangélica. Nesta maré de concorrência de audiência a televisão foi incorporada como elemento determinante na comercialização do sagrado ligado ao marketing religioso afim de maior audiência, partindo do pressuposto que o Brasil é um país de extrema capacidade de absorção e elaboração de movimentos religiosos esse jogo comercial facilmente se efetivaria. Na busca de responder como esse curandeiro adquiriu tamanha notoriedade, podemos levar em conta como possibilidades de explicação, um viés psicológico, onde consciente ou inconscientemente, o indivíduo luta contra um “inimigo” e atingindo assim, mais facilmente a cura. Ou ainda, é levado pela insegurança quanto ao desconhecido e a necessidade de dar sentido ao mundo que a cerca sendo induzido a se situar entre múltiplos sistemas de Crenças, Ritos e Cultos através da experiência religiosa individual. Desta forma podemos apontar alguns dos fatores que contribuíram para a decadência do fenômeno religioso o qual estabelecia mecanismos para controle e superação do sofrimento, sendo estes métodos coletivos de defesa que o ser humano cria para proteger-se do mal e da dor como mostra o autor Edênio Valle. E dessa forma concluir que os tipos de experiência religiosa, sua intensidade são fatores subjetivos, podendo ter alternâncias e variações de concepção religiosa de um grupo para outro. Sendo assim, a referência ao sobrenatural nascido em meio popular pode dizer que é algo que não é construção humana, mas do meio de possibilidades de controle real e simbólico sobre a vida.

Palavras-chave: Religiosidade popular; fenômeno Pato; curandeirismo.

## Religiosidade Popular

As diferenças que definem a religiosidade popular quanto à institucional mostram-se claras em ambos. Quando falamos do popular, o fiel dirige-se ao sagrado sem a mediação clerical, possui um caráter devocional aos santos não reconhecidos pela Igreja, é também carregado de superstições que na maioria das vezes são oriundas do encontro de outras culturas com catolicismo, e também uma procura de curandeiros e outros agentes religiosos populares.

A conceituação de religiosidade popular apresentada por Edênio Valle é aquela psicossociológica. Sendo que existe uma dialética afetiva e sociológica que sofre um forte “fluxo e refluxo de influências” entre as camadas populares sendo que “A religião ocupa um lugar especial no conjunto da cultura, mas não é um sistema fechado; recebe a influência do meio exterior e transforma-se à medida que esse mesmo meio muda, advindo devidamente o comportamento religioso”. (VALLE, 2008, p. 134).

Buscar definir psicologicamente religiosidade apenas, a partir, do sujeito correria o risco de perder a referência sociológica. Para tanto, entende-se que “A experiência religiosa, como algo inefavelmente próprio a cada ser humano, é, sem dúvida, uma dimensão constitutiva do comportamento religioso do povo. E um momento profundo que situa o homem diante da totalidade em que se acha englobado e o interroga, levando-o a questionar seu existir. (VALLE, 2008, p. 134).

Na religiosidade popular busca-se sempre um “sentido transcendente ao mundo e a existência”. O homem busca dar sentido à vida sempre, a partir da resposta religiosa, ou seja, ele é sujeito da experiência religiosa.

Portanto, não pode deixar de elencar devida importância que o quadro social influencia sobre o sujeito esta influencia pode entendido como “uma construção cultural e social que faz referência a um ‘sobrenatural’”. (HOUTART, 1994, p. 35 apud VALLE, 2008, p. 134).

Sendo assim, a referência ao sobrenatural nascido em meio popular pode dizer que é algo que não é construção humana, mas do meio de possibilidades de controle real e simbólico sobre a vida.

Este poder simbólico segundo Bordieu são “instrumentos de conhecimento e de comunicação” [...] “de dominação” que “só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados”. “Os símbolos são os instrumentos por excelência da ‘integração social’”. (BORDIEU, 1998, pp. 9ss. apud VALLE, 2008, p. 134).

A religiosidade popular não deve ser estudada buscando-se um modelo padronizado e nisso reside de fato seu encanto como objeto de pesquisa, pois sofre os influxos sócio culturais das regiões onde mais fortemente se manifesta, é fato relevante que independentemente da classe social o indivíduo pode estar em busca da religiosidade popular como forma de devoção. Embora haja uma distinção entre religiosidade popular e as religiões institucionais ambas se completam como mostra o trecho abaixo

(...) entre a religião popular e a religião esclarecida há uma circularidade que permite que uma se alimente da outra. A tensão entre “religião popular” e “religião erudita”, portanto parece ser constitutiva de todas as grandes religiões e não somente do catolicismo. (VALLE, 2001, p.17)

A religiosidade popular, revela um atributo de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos. São características da individualidade humana e não de religiões específicas é portanto um domínio mais pertinente aos antropólogos e psicanalistas.

Por essa razão, as práticas da religiosidade, muitas vezes entendidas como bruxaria, feitiçaria, espiritismo, que podem ser manifestações institucionalizadas ou não Institucionalizadas da religiosidade.

Um exemplo de religiosidade popular se encontra no livro *O queijo e os vermes* o qual, aborda cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição italiana no século XVI, sendo que, os inquisidores encontram muita dificuldade em classificar parte de seu discurso, pois apresentava uma complexa rede de crenças populares que contrariava os ideais da igreja oficial. Ginzburg propõe a noção de “formação cultural de compromisso, resultado híbrido de um conflito entre cultura folclórica e/ou tradicional erudita”. (HERMANN, 1997, p.344)

No Brasil colonial o papel da intuição eclesiástica se deu lentamente apesar dos esforços da Companhia de Jesus para constituição de uma estrutura eclesiástica sólida, tal dificuldade proporcionou espaço para o surgimento de diversas religiosidades populares, como observados abaixo:

Esta fragilidade institucional, aliada a um encontro racial e cultural múltiplo no Brasil colonial, explicaria, para muitos autores, a heterogeneidade e mesmo a mistura de crenças diversas nas variadas formas de expressão da religiosidade popular, tema que lentamente ganhou expressão e esboçou um quadro bastante amplo de questões que os estudos sobre religião e religiosidade conheceriam no Brasil. (HERMANN, 1997, p.344)

Diante disso pode- se entender que a religiosidade é uma qualidade do indivíduo que é caracterizada pela disposição ou tendência do mesmo, para perseguir a sua própria Religião ou integrar-se às coisas sagradas.

Sobre a religiosidade popular tende-se a pressupor que seja uma cultura da população miserável ou carente, porém, é um equívoco dizer que existe de fato essa distinção de classe, pois ricos e pobres buscam essa religiosidade como algo que contribui para a coesão e a harmonia de sua vida. Aí, a fé no sobrenatural constitui elemento familiar que perpassa o cotidiano e classe social. O que é matéria do espírito nunca está separado da atividade humana, no trabalho ou na festa, na doença ou na cura.

Valle afirma que o termo religiosidade se dá de forma mais acentuada no catolicismo popular o qual tem dimensão devocional e protetora, relegando aspectos mais enfatizados pela Igreja oficial.

Destarte, “a palavra “popular” de religiosidade popular não esta se referindo exclusivamente à camada social e geralmente analfabeta” (VALLE, 2008, p. 136). Ou seja, “a linha demarcatória que delimita a religiosidade popular não coincide pura e simplesmente com as divisões sociais de classe” (VALLE, 2008, p. 136).

Isso significa que o modo de perceber e de se relacionar com o sagrado tem como princípio o indivíduo com sua conjuntura de mundo, e assim não se preocupa com as dimensões de classe social e nem eclesiásticas. Como por exemplo, a cassação dos santos, decretado pela Igreja Européia. O povo continuou cultuando seus santos. Isso mostra que o catolicismo popular continua gozando de autonomia seguindo suas motivações.

Cada sociedade estabelece mecanismos úteis para controle e superação do sofrimento, sendo estes métodos coletivos de defesa que o ser humano cria para proteger-se do mal e da dor. Os tipos de sofrimento, sua intensidade são fatores subjetivos, podendo ter variações de um grupo para outro.

No que se refere a inquietações religiosas do povo o que realmente interessa é sua devoção, ou seja, seu relacionamento com o sagrado e não a explicação racional, sendo que instituição religiosa pouco se faz presente neste âmbito.

O caminho da religiosidade para tentar uma aproximação maior da história de marginalização, lutas e criatividade que marcam secularmente a existência dos pobres neste país é uma maneira para se entender sejam índios, brancos ou negros. Repararamos ainda que,

depois de quatro séculos de contatos multiculturais, somos todos por sangue ou por cultura assimilada, também índios, brancos, negros. Com isso queremos apenas apontar para responsabilidades, proximidades e diversidades, e assim compartilhar e compreender com mais facilidade a carga emocional contida nas promessas, festas religiosas, romarias e procissões, dentre outras que materializam a fé, e a religiosidade popular. No trecho abaixo, se refere, ao limite que o catolicismo busca fazer em relação à religiosidade popular.

Günter Paulo Süss, no entanto, é muito pertinente ao defender que o catolicismo popular estabelece um limite com a religiosidade popular global, tendo em vista que esta “abrange todos os costumes e vivências religiosas do povo, sejam eles de origem africana, indiana, protestante, católica, espírita ou pagã” (SÜSS, 1979, p. 28).

Em outras palavras, o catolicismo oficial, e voltado para a salvação da alma, fará frente a um “catolicismo de santos”, em que a figura de Cristo perde importância, a oração dá e a resolução dos problemas cotidianos tem primazia sobre a salvação da alma. Os santos, cada um com sua “especialidade”, serão os companheiros de jornada nesta vida, auxiliando ou impedindo projetos e sendo por consequência “recompensados” pelos fiéis com festas, romarias, pagamentos de promessas e procissões, ou então “punidos”, seja com blasfêmias, seja com “castigos” impetrados nas imagens.

O catolicismo procura ser universal, a religiosidade popular é, sem dúvida, regional, no máximo nacional, no entanto, seja qual for a linha seguida no estudo da religiosidade popular, deparamos com conceitos de catolicismo dentro da Religiosidade.

### **“Fenômeno Pato”**

Para entendimento do fenômeno “Pato”, é interessante atentarmos ao processo de construção da devoção e como se consolidou sua fama na cidade de Jacarezinho a cidade que Pato viveu a maior parte da sua vida. Teve as primeiras tentativas de colonização conhecidas datam do século passado, por volta de 1898. Um dos primeiros pólos de desenvolvimento agrícola do Estado, sua colonização foi realizada por fluminenses, paulistas e mineiros. Sua riqueza maior provém do setor agropecuário e de prestação de serviços.

Jacarezinho se encontra na região do Norte Pioneiro do Paraná, essa região do norte paranaense teve como base de seu desenvolvimento econômico a produção cafeeira iniciada desde meados do século XIX quando fazendeiros mineiros e paulistas se estabeleceram na região hoje denominada de Norte Velho, entre os rios Paranapanema, Itararé e Tibagi, surgindo cidades como Tomazina, Jacarezinho, Cambará, Ribeirão Claro. A partir dos anos de 1920 se intensifica a colonização na região do Norte Novo, entre os rios Tibagi até o Ivaí, resultado da ação de companhias particulares, principalmente a de iniciativa inglesa; até 1950 surgiram cidades como Londrina, Cambé Rolândia, Maringá. Na conjuntura em que o café vai se tornando o principal produto exportador do Paraná as terras além do rio Ivaí são colonizadas entre as décadas de 1940 a 1960 constituindo o Norte Novíssimo e a extensa área da floresta subtropical predominante na região Norte praticamente desapareceu em função da nova atividade agrícola.

No início do século a maior cultura era a do café. Posteriormente, houve a substituição do café pelas lavouras de cana-de-açúcar, indústria de açúcar e álcool e pastagens. Novos produtos com cotação no mercado externo e interno como a soja, o algodão e o trigo, avicultura e suinocultura, vieram a partir da década de 70.

Emancipada à condição de Município através da Lei n.º522, de 02 de abril de 1900, recebeu inicialmente o nome de Nova Alcântara. Em 03 de março de 1903, através da Lei n.º471, recebeu o nome de Jacarezinho. Cidade Pólo, famosa pelas suas faculdades, escolas e atividades culturais, Jacarezinho é a capital estudantil da região.

Para a realização desse trabalho foi utilizado uma entrevista oral com Antônio da Silva vulgo, Pato. Segundo o entrevistado ele “nasceu no estado de São Paulo, ainda jovem mudou para Jacarezinho-PR, segundo o que ele conta, quando criança ao ver sua mãe doente, recebeu uma “luz”, a qual disse a ele o que fazer, e como fazer para curar sua mãe, a partir desse momento ele incorporou o espírito, e fez a cirurgia espiritual, assim deu início de suas práticas mediúnicas.

Edênio Valle trata essa experiência como mística sendo “A pessoa chamada de “mística”, é usualmente a que tem ou julga ter uma capacidade fora do comum para captar e entrar em contato – por meio de *insights*, “terceiras visões” e “dons preternaturais” – com os segredos do conhecimento, da vida íntima e do poder de Deus”. (VALLE, 2008, p.59). Posteriormente houve uma grande procura por ele, pela população local e regional, levando-o a abandonar o emprego de saqueiro (carregava de tudo nos ombros) para se dedicar apenas a ajudar ao próximo, como referencia o jornal Tribuna do Norte “(...) modesto, simples, ele não conta a vantagem do que faz. Sente-se feliz em poder ajudar as pessoas necessitadas e acredita que no momento em que consegue ajudar alguém é porque está possuído pelo poder de Deus (...)”. (Tribuna do Norte, 1992, p.12).

No início da década de 90 foi o período do auge da sua fama em média atendia 150 caravanas diariamente, porém, toda essa trajetória de grande movimentação, foi diminuindo, segundo o que ele mesmo diz, “não é a fé das pessoas que está se acabando é o custo das viagens que faz com que não tenha tanto movimento mais”, ou seja, questão econômica. (Antônio Silva, entrevista cedida a Patrícia, 2010)

Diante dessa declaração pode-se observar que a entrevista trabalha com a memória, sendo que a memória em um primeiro momento diz respeito à questão do indivíduo. Essa característica da memória é evidente em Portelli, pois ao definir a História oral como a ciência e a arte do indivíduo, pressupõem que a memória esta essencialmente ligada à experiência pessoal do sujeito que realiza o ato de rememorar. Segundo Portelli:

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são - assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 2007, p. 16)

Certamente a questão econômica teve influencia em sua decadência, porém, é necessário nos atentarmos a outras possibilidades sendo esta a priori ligada à mídia, pois em um programa televisivo exibido em horário nobre mostrou sua prática como charlatanismo, e assim iniciou-se de fato sua decadência fato será tratado a diante.

Na entrevista realizada, quando chega ao ponto de sua decadência ele se expressa de forma simplista, de certa maneira chegar a transparecer que esta ignorando o real acontecimento. Esse fato mostra o cuidado que se deve ter ao trabalhar com a memória pois ela é seletiva na medida em que lembrar pode ser algo carregado de possibilidades como mostra a citação abaixo:

na história oral (...) trabalhamos com a interação do social e do pessoal, trabalhamos com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade, por um lado e, por outro, com fatos razoavelmente comprovados (...) o fato de de as múltiplas verdades com as quais estamos comprometidos incluírem os fatores mutáveis da subjetividade, da narrativa dialógica e da memória individual (...) (Portelli, 1997, p. 26)

Ainda buscando entender a trajetória de vida do curandeiro Pato e para isso buscando a fonte oral, Verena Albertti nos atenta que a história oral é “uma metodologia de pesquisa, e é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais” (ALBERTTI, 1997, p.164).

Nesse contexto a história oral fornece subsídios para compreender a devoção nos anos 1990, e explicar os rumos dessa prática que tem como princípio a religiosidade popular.

O fenômeno Pato pode ser em momentos comparado como o de Padre Cícero em Juazeiro, considerando a religiosidade popular, padre Cícero desde criança mostrava apego às revelações que acreditava receber em sonho, e foi em março de 1889, que um “milagre” mudou sua vida, durante a missa uma mulher ao receber a Hóstia branca desmaiou e a Hóstia tingiu-se de sangue, esse mistério se repetiu diversas vezes. A partir desse momento ele enfrentou crises políticas e instrucionais ao padroado, no entanto, o afluxo de romeiros teve início logo depois da divulgação do milagre.

Esse fenômeno que utilizado como exemplo pode ser vinculado ao Pato por ser um fenômeno de caráter religioso popular, baseado na fé, Padre Cícero foi um fenômeno Nacional o Pato de caráter regional, sendo que ambos recebiam as romarias religiosas que geralmente apresentam sinais de esperança do encontro entre o homem e a divindade. E por intermédio delas faz-se a expressão genuína do encontro estabelecido na relação da vida, entre o homem, e Deus, que se manifesta em diversos modos, sendo nesse caso através dessas pessoas “escolhidas por Deus”.

Analisando a perspectiva citada a cima, pode-se ter uma parcial análise, quanto ao grande número de pessoas que procuravam e procuram o Pato, que é fruto da busca do bem-estar individual, onde é um meio mais acessível economicamente como o próprio “Pato” afirma ao jornal que “(...) os remédios estão caros e se eu puder ajudar em alguma coisa eu fico muito feliz (...)”. Além disso, a natureza dessas formas de cura é um fato cultural, que agrega uma simbologia consigo, e tem por finalidade cuidar do organismo e da saúde essa preocupação com bem estar se confirma também na fonte problematizada “(...) todos dizem: vale a pena o sacrifício da viagem, as longas horas de espera sem nenhum conforto, dormindo dois ou três dias no ônibus. E vale a pena o sacrifício, pois eles estão vindo em busca de saúde, da vida, e acreditam estar encontrando o que procuram (...)”.(Tribuna do Norte, 1992, p.12).

Luz propõe outra hipótese em relação à cultura contemporânea ao explicar a busca pela medicina alternativa, ela acredita numa crise da saúde que acontece devido a um conjunto de fatores entre eles o capitalismo, relações de trabalho e consumismo, sendo assim, o campo da medicina se enquadra num contexto que se apropria da globalização e do capitalismo para benefício próprio, sendo que, devido a desigualdade social, a grande massa da sociedade não tem acesso a um tratamento de qualidade, tão eficaz quanto os que compõe a camada mais elevada da sociedade, seguindo esse contexto, é mais cômodo ao pobre recorrer a medicina alternativa, que enfrentar meses na fila de espera por atendimento médico. Dessa forma é fácil ocorrer a “fuga da clientela, em busca de outras racionalidades terapêuticas, que priorizem em seu modelo o sujeito doente e seu cuidado”. (LUZ, 2005, p.147).

Um dado importante que deve ser levado em consideração para explicar parcialmente a busca por uma religiosidade popular, é o sistema de saúde precário que tem levado grande número da população a procura de formas alternativas para o estabelecimento do seu bem-estar. Para entender como se dá a construção das noções de saúde e doença a partir de uma visão religiosa e a busca de poderes sobrenaturais Santos, faz a seguinte afirmação, que a causa das curas religiosas pode ser explicada como o de um processo muito semelhante ao da Psicanálise. “A benzedeira, a exemplo do terapeuta, oferece a seu paciente uma explicação consciente com as suas crenças” (SANTOS, 2004, p.84). Essas afirmações que possibilitam o cliente lutar contra o “inimigo”, sendo assim atingir mais facilmente a cura.

### **Pato, o Charlatanismo e o Curandeirismo**

Não há relatos de que curandeiro Pato teve o seu saber reconhecido oficialmente pelos médicos. Porém se pressupõe que o conselho médico regional soubesse da sua prática e não se opunha a sua atuação, o que se denota com a repercussão regional de seu nome e ausência de registros sobre qualquer ação do conselho médico no intuito de proibir a procura pelo curandeiro em detrimento da medicina - o que poderia se dar na esfera legal. Assim, no final da década de 1980 e início da década de 1990 a população pôde se consultar pacificamente sem se contrapor a suas opções quanto à prática do curandeirismo pelo meio da experiência religiosa.

Chama a atenção que a relação entre a medicina oficial e a medicina popular tenha mudado tanto nesse pequeno espaço de tempo. Relatos apontam que diversos postos de saúde foram inaugurados e uma significativa melhoria da saúde pública foi sentido neste momento.

No entanto, retomando o que foi dito o nosso sujeito de estudo foi alvo de um programa televisivo exibido em horário nobre que mostrou sua prática como charlatanismo, e, não só pelo período decorrente a decadência, mas pelo próprio poder alienante que a mídia possui, é importante atentar se as suas práticas seriam ou não consideradas criminosas. Não existem muitos trabalhos sobre o início da década de 1990 que apontam uma fiscalização quanto ao curandeiro Pato no sentido do trabalho exercido ser interpretado como charlatanismo.

Porém, segundo o programa televisivo o Pato seria um Charlatão e o Código Penal de 1940, portanto vigente no período, aponta como crime o Charlatanismo. Assim é imprescindível uma análise do conceito expresso na norma jurídica. O Charlatanismo é o crime previsto no artigo 283 do Código Penal Brasileiro:

### **Charlatanismo**

Art. 283 - Inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa.

A conduta do charlatão consiste em uma fraude à saúde pública, ainda que o agente não obtenha qualquer vantagem econômica. É, portanto, um crime contra a coletividade com sanção prevista como detenção de três meses a um ano, cumulada com multa, mas salienta-se que no Charlatanismo “o agente é desde logo insincero e enganador, sabendo que o tratamento que inculca ou anuncia efeito algum vai produzir, por sua absoluta ineficácia ou pela sua desnecessidade” (PIERANGELI, 2007, p. 662).

É necessária expressa má-fé por parte do agente, enquanto o curandeiro Pato é um homem simples, humilde, crente que Deus está no que faz e no seu poder de cura, que não conta vantagem de suas ações e de forma alguma procurou enganar ou ludibriar a boa-fé alheia, e que não visava atentar contra a saúde pública.

Por outro lado, o artigo 284 do mesmo código, enuncia:

### **Curandeirismo**

Art. 284 - Exercer o curandeirismo:

I - prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II - usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III - fazendo diagnósticos;

Pena - detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa.

É mais uma tentativa de se proteger a saúde pública, ou seja, a coletividade conta a ação de pessoas que sem noções de medicina procuram curar os doentes. Para a esfera jurídica

os Curandeiros “são indivíduos atrasados, ignorantes, grosseiros, ou místicos (feiticeiros, magos, cartomantes, adivinhos, médiuns, pais-de-santo, etc), que tentam a cura por processos não científicos.” (MIRABETE, 2004, p. 184).

A norma protege a sociedade daquelas pessoas que utilizam da boa-fé e inocência da população para obter ganho fácil, assim é importante falar que se comprovado que o Curandeirismo ocorre mediante remuneração, além da pena prevista no artigo 284 (detenção de seis a dois ano), cumula-se também pena de multa.

Porém, não se configura crime quando a cura é pedida por devoção religiosa através de orações comunitárias, pois a liberdade de culto é uma garantia constitucional, ou como melhor ensina Mirabete “se a cura é pedida comunitariamente, através de orações, pura questão de fé, a prática não configura o delito de curandeirismo” (MIRABETE, 2004, p. 186).

Há de se considerar, portanto, que o curandeiro Pato embora atuasse em matéria religiosa, por acreditar incorporar um espírito da cintura para cima ao realizar suas cirurgias espirituais, não só pretendia abrandar os males espirituais mais tencionava a própria cura. Não havia intenção de ludibriar o outro. Todavia o curandeiro Pato acreditava poder produzir estados curativos reais e suas práticas eram habituais e coletivas, características que configuram o crime de curandeirismo.

Apesar da existência de fontes muito ricas de entrevistados oralmente que confirmem que Pato não se aproveitava da população de forma a explorar financeiramente para finalidade própria. Ele foi acusado pela emissora de televisão por estar se aproveitando da boa fé das pessoas para se enriquecer. Fica refutada a acusação de charlatanismo pelas entrevistas orais, pois é relatado que Pato não utilizava de suas ações para obter ganhos pessoais, financeiros ou de outra natureza. Mesmo assim, é possível que suas práticas fossem apontadas como crime pelo Código Penal Brasileiro, ao se analisar o artigo 284 (Curandeirismo) do mesmo. Contudo, nada contra ele foi registrado.

### **Contexto religioso da década de 1990**

Contudo ao analisar o contexto religioso da época que segundo o Sistema Educativo Nacional de Brasil em uma pesquisa realizada pelo IBGE em 1991, 83% dos brasileiros eram adeptos do catolicismo. Segundo estimativa do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, este percentual vem caindo. Calcula-se que cerca de 600 mil pessoas por ano abandonem a Igreja Católica, sendo incorporadas, principalmente, pelas igrejas de orientação pentecostal e neopentecostal. Em 1991, 9% da população eram protestantes, atingindo aproximadamente 13,1 milhões.

Percebe-se que neste contexto havia um grande conflito pelos meios de comunicação em busca de evangelizar através da televisão e o rádio, já que neste momento são os meios de comunicação mais utilizados no país: ambos estão presentes na maioria dos lares brasileiros. Como apresenta o Sistema Educativo Nacional de Brasil sendo os programas de TV assistidos por 98% da população, no mínimo uma vez por semana, e o rádio, por 88%, com a mesma periodicidade.

No que diz respeito aos canais abertos, a Rede Globo é a maior emissora do Brasil, cobrindo quase a totalidade dos municípios brasileiros, ou seja, detendo o monopólio televisivo, nesta conjuntura se viu de certa maneira ameaçada pela rede Record, a qual apresentava um programa ligado a Igreja Universal do Reino de Deus, liderado e fundado em 1977, por Edir Macedo, dono da emissora de ordem evangélica. A igreja Universal do Reino de Deus que em menos de 20 anos se tornou uma potência religiosa econômica dentro e fora do Brasil, é similar a outros evangélicos pentecostais. Por exemplo, crêem na piedade de Jesus Cristo, a Trindade, a ressurreição corporal de Jesus Cristo e a salvação pela graça através da

fé. Podendo ser entendida como um “marketing religioso” bem-sucedido no cenário religioso brasileiro. (VALLE, 2008, p. 158)

Entretanto, Macedo incorporou novos elementos de comercialização a sua doutrina que pouco têm a ver com o bíblico. Além disso, convidam aos fiéis a participar das reuniões e “comer o pão abençoado para curar doenças”. Atualmente dados não muito fidedignos apresentam que existem mais de 2.000 templos em todo Brasil, com aproximadamente seis milhões de membros. A doutrina central do “bispo” Macedo é a luta contra os demônios e a teologia da prosperidade (quer dizer, que os fiéis devem entregar seus dízimos para não serem conduzidos às garras de Satanás).

Pois a religião, não apenas neste momento, mas principalmente neste, estava ligado ao marketing. Sendo o Brasil um país de extrema capacidade de absorção e elaboração de movimentos religiosos segundo Valle, o mercado brasileiro se tornou pluralista, sendo assim esta conjuntura oferece uma gama de opções religiosas e aproveitando esse amplo leque religioso é utilizado a “mercantilização do sagrado”. (VALLE, 2008, p. 157).

Na teologia da prosperidade, por exemplo, evidencia a lógica do mercado onde o discurso é que a oferta o discurso apresenta a oferta de coração em quantia de dinheiro e pagar mais que o dízimo poderá contar com a generosidade divina.

Nesta ocasião a emissora de televisão globo sentindo sua audiência ameaçada pelo novo programa inicia uma série de acusações e denúncias de charlatanismo, a fim de atingir o Bispo Edir Macedo, e nesta maré de acusações no programa Fantástico, transmitido aos domingos em horário nobre na rege globo, levantou à questão do Antonio da Silva o conhecido Pato, em Jacarezinho, região Norte do Paraná.

## Conclusão

Este trabalho buscou analisar a religiosidade popular no Norte Pioneiro do Paraná, no final da década de 1980 e início da década de 1990, a partir do sujeito Antonio da Silva, conhecido como Pato, e, a partir, de dados analisados em periódicos e entrevistas orais, ampliar o conhecimento sobre religião e religiosidade na região pesquisada. Certamente a questão que levou a decadência do curandeiro deverá sempre ser analisada em um contexto geral.

Porém, a questão econômica teve influencia em sua decadência, porém, é necessário nos atentarmos a outras possibilidades sendo esta, a priori, ligada à mídia, pois em um programa televisivo exibido em horário nobre mostrando sua prática como charlatanismo, e assim iniciando sua decadência, provocando redução no número de religiosos que o procuravam, pois certa parcela deles da população passou a acreditar na reportagem que o depreciava. Dessa forma, fica evidente a crescente mercantilização do sagrado, ofertado pelas emissoras televisivas, mostrando a manipulação e organização destes meios para controle da demanda religiosa brasileira, na busca pela maior vantagem econômica sobre o campo religioso. Mas lembrando que a real decadência é incerta como já foi e será analisado em outros trabalhos.

## Fontes

“Pato”: *a esperança de cura para milhares de pessoas. Tribuna do Norte, Jacarezinho, p. 04, 15 mar. 1992.*

Antônio Silva, entrevista cedida a Patrícia, 2010.

## Referências Bibliográficas

CERQUEIRA-SANTOS, Elder, *Religião, Saúde e Cura: um estudo Neopentecostais, Psicologia ciência e profissão*. 2004.

HERMANN, Jaqueline. IN: *História das religiões e Religiosidades*. CARDOSO, C.F, VAINFAS, R (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro; companhia das letras, 1997.p 344.

HERMANN, Jaqueline. IN: *Religião e política no Alvorecer da República os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado*. HERREIRA, Jorge: DELGADO, Lucília de Almeida Neve (org.). *O Brasil Republicano: V.1, O tempo do liberalismo excludente*. 3 ad. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MADEL, T. Luz. *Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: novos paradigmas em Saúde no Fim do Século XX, revista Saúde coletiva*. Rio de Janeiro, 2005.

MIRABETE, Júlio Fabrini. *Manual de Direito Penal - Parte Geral*. 19ª ed., São Paulo: Atlas, 2004.

PADEN, Willian. *Interpretando o sagrado*. São Paulo, Paulinas, 2001.

PIERANGELI, José Henrique. *Manual de Direito Penal Brasileiro V.2*. São Paulo. Editora Revista dos Tribunais, 2007.

PORTELLI Alessandro. *Tentando Aprender um Pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. São Paulo, 1997. p. 13-33.

VALLA, Victor Vincent (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&AE Editora Ltda, 2001.

[www.prefeiturajacarezinho.br](http://www.prefeiturajacarezinho.br) Disponível em acesso em 24 de junho de 2011.

VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo, Edições Loyola, 2008.